

DIÁRIO POPULAR DE PELOTAS – RS: UMA ANÁLISE TIPOGRÁFICA (1890-2016)

SUÉLEN LULHIER DA SILVA¹; SABRINA DE ANDRADE MÜLLER²; ANA DA ROSA BANDEIRA³

¹Universidade Federal de Pelotas – slulhier@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – sabrinaamuller@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – anaband@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Fundado em 27 de agosto de 1890 na cidade de Pelotas por Theodósio Menezes, como órgão do Partido Republicano Rio-grandense, o *Diário Popular* (também conhecido por DP) é um dos jornais diários mais antigos em circulação praticamente ininterrupta no Brasil (ANJ, 2017). Em seus 128 anos de existência, o periódico passou por algumas mudanças significativas, tanto em relação à organização editorial (com a sistematização de editorias e a colaboração de autoridades que referendam o discurso do jornal, por exemplo), quanto à sua configuração gráfica (no que tange à apresentação de sua marca, aplicação de grids, definição de elementos gráficos de apoio, ampliação do uso de imagens, entre outras características). O presente texto aborda um aspecto específico de tais reconfigurações, explicitando os períodos em que as transformações tipográficas (no que tange às características formais dos textos) se deram de maneira mais contundente.

2. METODOLOGIA

O recorte ora apresentado configura-se em pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, do tipo estudo de caso, que busca caracterizar, que parte de uma tese de doutoramento que busca analisar de forma longitudinal, o periódico em questão (BANDEIRA, 2018), que deu origem ao projeto de pesquisa “Diário Popular de Pelotas-RS: a forma gráfica de um projeto editorial”, no qual esta pesquisa se insere.

O acesso ao acervo completo das edições do *Diário Popular* só foi possível graças ao convênio estabelecido entre o projeto de pesquisa “Memória Digital: digitalização da coleção completa do Jornal Diário Popular de Pelotas”, coordenado pela Profa. Dra. Helena de Araujo Neves, também colaboradora desta pesquisa, que permitiu que se reproduzisse e sistematizasse uma quantidade relevante de exemplares originais a fim de analisá-los. A metodologia utilizada para tal parte do modelo apresentado por Fonseca, Gomes e Campos (2016) para investigações no âmbito da história do design a partir de materiais impressos.

O *corpus* de análise avaliado até o momento é composto pelas edições de aniversário do ano inicial de cada década, ou pela edição disponível mais próxima à tal data, anterior ou posteriormente, além de algumas edições especiais do jornal, como a Edição Documento de 90 anos, a Edição Centenária e a primeira edição em offset. O escopo engloba 17 edições impressas, tendo como unidade de análise a edição completa, incluindo cadernos e/ou suplementos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Hurlburt (2002, p. 98), “a tipografia sempre foi o principal elemento da página impressa” e as edições lançadas ao longo das três primeiras décadas que sucederam a fundação do jornal, em 1890, foram, em sua maioria, tipográficas. Elas contavam com um baixo número de imagens e, quando apareciam, as ilustrações e os pequenos clichês fotográficos estavam, normalmente, relacionados a anúncios ou a cabeçalhos de seções (BANDEIRA, 2018).

Nas primeiras edições do *Diário*, em especial nas de 04/09/1890 e 26/08/1900, observou-se o uso exagerado de diferentes tipografias nos títulos das “seções” (nessa época não haviam claras delimitações editoriais de conteúdo) e nos anúncios veiculados no jornal, desde tipografias bastonadas e do tipo display, até estilos caligráficos. Os conteúdos editoriais e comerciais dividiam os mesmos espaços em colunas estreitas e o corpo de texto fazia uso de tipografia serifada.

A hierarquia visual que, para Lupton e Phillips (2008, p. 115), “controla a transmissão e o impacto da mensagem”, não se fazia presente de maneira eficaz nas páginas do jornal. Os conteúdos editoriais possuíam pouca ênfase visual e, desse modo, alguns anúncios destacavam-se devido ao peso e hierarquia que a tipografia diferenciada conferia à sua diagramação. As páginas, como um todo, possuíam muitas informações, poucas áreas de respiro e visualidades conflitantes, onde “sem hierarquia, a comunicação gráfica fica confusa e dificulta a navegação” (*ibidem*).

Na edição de 1931 (DIÁRIO POPULAR, 27/08/1931), na página de telegramas e anúncios, já foi possível notar uma melhor organização de informações a partir de blocos com títulos e destaque. Ainda havia uma diversidade grande de tipos aplicados em anúncios, conferindo ao conteúdo comercial maior apelo visual, mas eles são visivelmente separados do conteúdo editorial, o que não acontecia anteriormente.

Em 1940 (DIÁRIO POPULAR, 27/08/1940) verificou-se uma melhor hierarquização das informações, uma vez que os conteúdos eram apresentados com diferentes ênfases e conforme afirma Bandeira (2018, p. 203) “praticamente não havia mais confusão entre conteúdo editorial e comercial”. Houve, ainda, aumento no número de tipografias utilizadas, apresentando ora bastonadas e ora serifadas nas chamadas, por exemplo.

Em 1984, nos seus 94 anos, o jornal passou por uma mudança e atualização tecnológica, passando a ser impresso não mais em *standard*, mas em formato tabloide e trocando, também, a linotipia (processo de impressão onde uma fundição de liga de chumbo formava linhas inteiras que compunham a matriz, ao invés dos tipos individuais móveis acomodados um a um utilizados anteriormente) pelo método *offset*. Na edição de 27/08/1984, tem-se um padrão tipográfico mais perceptível que já vinha sendo explorado desde 1980. Nos títulos eram utilizados tipografia bastonada e condensada, no corpo de texto e para as chamadas a que foi escolhida assemelhava-se à Times New Roman, serifada e regular. A grande mudança presente nessa edição fica por conta das cartolas de seções do suplemento Variedades, onde a tipografia fantasia (que mesclava versaletes com caixa baixa) ficava dentro de um box (DIÁRIO POPULAR, 27/08/1984).

No ano de 1989 um projeto gráfico novo foi encomendado. Com redesign realizado por Bendati, profissional renomado da área, atuante principalmente na

capital do estado, Porto Alegre, a edição comemorativa dos 99 anos do jornal apresentou a nova configuração editorial e gráfica (DIÁRIO POPULAR, 27/08/1989). Hierarquias foram bem estabelecidas e novas padronizações tipográficas foram implementadas. Assim,

a manchete principal da página foi aplicada em uma família similar à Times, em bold, enquanto as chamadas secundárias da editoria surgiram em itálico, na mesma família, em corpo menor. As colunas também apareceram com tratamento diferenciado, em tipografia bastonada com desenho bem contrastado, acompanhada de elemento gráfico de apoio (BANDEIRA, 2018, p. 206).

Ao analisar o mesmo suplemento veiculado na edição 1984, notou-se uma grande diferença na disposição dos objetos, especialmente na capa do Variedades. A tipografia dos títulos tornou-se manuscrita e ocupou o centro superior da página, criando um atrativo visual interessante e não utilizado antes no Diário Popular.

Na Edição Centenária (DIÁRIO POPULAR, 25/08/1990), os parâmetros elaborados por Bendati mantiveram-se. Entretanto, no decorrer da década, percebeu-se que mudanças consideráveis foram tomando conta do projeto gráfico do periódico. Em 1997 o jornal teve a primeira edição com a capa impressa totalmente em quadricomia, embora desde 1960 alguns testes com tipografia impressa em uma cor diferente do preto tenham sido realizados, somente em 07/07/1997 houve a primeira capa impressa totalmente a cores.

A partir dos anos 2000, ainda que algumas tipografias utilizadas na década anterior fossem mantidas, de maneira menos padronizada, muitas outras foram adicionadas ao projeto. A tipografia serifada em itálico manteve-se nos títulos das manchetes e uma tipografia sem serifa bastonada com oco grande foi utilizada para citações especiais (DIÁRIO POPULAR, 27/08/2000).

Além disso, houve dissonância entre as capitulares que apareciam na mesma edição, variando entre tipografia arredondada, extra bold e ligeiramente inclinada, em tom de cinza e também em estilo manuscrito impressa na cor azul, ambas com texto sobreposto a elas. Algumas colunas de texto passaram a ser mais largas e houve a utilização de diferentes pesos em um mesmo corpo de texto (fonte regular e negrito, por exemplo) para destaque pontuais.

Àquela altura, eram utilizadas mais de 40 tipografias diferentes e em 2009 um novo projeto gráfico foi realizado (dessa vez pelos próprios profissionais de design que faziam parte do quadro de funcionários do jornal), buscando retomar a identidade gráfica do *Diário* (BANDEIRA, 2018). As 40 tipografias foram reduzidas para apenas três famílias tipográficas com suas variações de pesos (uma serifada principal e outra secundária, e uma bastonada de apoio). Ainda, o projeto gráfico acompanhou a inserção no jornal nas redes sociais e site próprio.

Em 2016, o último projeto gráfico analisado por esse recorte, outro redesign foi realizado em virtude do lançamento do aplicativo do jornal para dispositivos móveis. Notou-se o uso de tipografias fantasia em alguns títulos, chamadas e destaque do jornal, o que acabou por prejudicar a legibilidade em determinados momentos. Também há o uso de tipografias bastonadas finas, o que não se adequa ao processo de impressão, deixando-as com pouco contraste e dificultando a leitura. O layout da página, como um todo, distanciou-se cada vez mais do "tradicional", na tentativa de aproximação com o público mais jovem ainda não cativado.

3. CONCLUSÃO

Ao mesmo tempo que o *Diário Popular* necessita manter a seriedade e cultivar seu público leitor fiel, também é necessário atualizar-se e cativar novos públicos de novas gerações. Comparar o desenvolvimento do design editorial do DP nos permite compreender como o projeto gráfico e editorial do jornal se adaptou às tendências do segmento e aos seus leitores ao longo dos anos. Além disso, ao elencarmos as características presentes nos próprios tipos e no tratamento gráfico dado a eles, e as mudanças tipográficas ocorridas ao longo de 128 anos de existência do periódico, podemos identificar as questões estilísticas presentes em determinado período na cidade de Pelotas e comparar com a estética do design produzido simultaneamente no Brasil e no mundo.

Ainda, segundo Gruszynki (2015, p. 3) “a forma gráfica não representa apenas o estilo estético, mas também torna presente elementos de sua época através de outros aspectos”. Sendo assim, o levantamento dos rearranjos tipográficos do jornal também contribui para o entendimento do contexto em que ele se insere, em relação a aspectos sociais, culturais, econômicos e, principalmente, tecnológicos ligados a produção gráfica do mesmo que passou pela impressão tipográfica (onde cada tipo móvel compunha, um por um, os caracteres das palavras), pela linotipia e chega na editoração digital impressa no sistema offset.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

HURLBURT, A. **Layout: o design da página impressa.** São Paulo: Nobel, 2002.

LUPTON, E.; PHILLIPS, J. **Novos fundamentos do design.** São Paulo: Cosac Naify, 2008.

Artigo

FONSECA, Letícia Pedruzzi, Gomes, Daniel D.; Campos, Adriana P. Conjunto metodológico para pesquisa em história do design a partir de materiais impressos. **Infodesign**, v.2, n.2, p.143-161, 2016.

GRUSZYNKI, A. Design editorial multiplataforma. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** Rio de Janeiro, 2015.

Tese/dissertação/monografia

BANDEIRA, A. Diário Popular de Pelotas - RS: a forma gráfica de um projeto editorial (1890-2016). 2018. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Documentos eletrônicos

ANJ. Associação Nacional de Jornais. **Relação dos jornais em circulação no Brasil há mais de 100 anos.** Disponível em: Acesso em: 04 fev. 2017.